



Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Duvida*, soneto, por M. Portella;—*Bom filho*, conto, por D. Adelina Samora de Almeida;—*A geographia politica da Oceania*, por Pinheiro Chagas;—*Desterro dos senhores de Patavan*, (continuação), por Alberto Telles;—*O Prego*, conto, (continuação), trad. de Alfredo Gallis;—*A dançarina*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*As nossas gravuras*;—*No album de minha esposa*, versos, por Eça de Almeida;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*.—*Mozart e o chapéu de chuva*, por Vidjal Salgado.

GRAVURAS:—*Helena Theodorini*;—*Bethlem*;—*Sadi Carnot*, (Presidente da R publica Franceza);—*Modas*;—*Collegio Militar, na Luz*.

e nós, fazendo as alamedas, discutiremos entretanto sobre as manifestações epilepticas do Vattel lisboeta. Os *dilettanti* do theatro lyrico andam ali todos os dias, anciosos de vêr sahir o pavilhão de um recolhimento que tem

CHRONICA

Dominus tecum, estrella fulgorosa! Quando os astros espirram d'esse modo, graves coisas de certo se produzem nos espaços intor-planetarios.

Se a rainha do canto, no pittoresco dizer de Nicolini, a Patti, a artista millionaria, entregue de um lado á solicitude de seu dilecto esposo, e ás attenções do Matta, do outro lado, nem assim logra evitar o effeito inconveniente das correntes d'ar, que será, um dia, da corista gorda, cujas carnes andam miseravelmente expostas á intemperie, nas travessias que executa, a pé, de casa para o theatro e do theatro para casa? Ora S. Carlos, sem a corista gorda, é simplesmente um absurdo.

E' muito de crêr que a diva se restabeleça, não só porque pode muito a medicina, como tambem porque, não sendo elastica a coragem de uma pessoa, a rescisão de um contracto pucha um nadinha do peito. O Matta içará novamente a bandeira portugueza, que é pau para toda a obra, no frontespicio do seu palacio da Avenida,



HELENA THEODORINI

por consequencia inevitavel o *Romeo e Julietta* e o *Baile de Mascaras*, operas que, espalhando pela sala o vento frio dos desertos, fôram genericamente classificadas de *recitas para curiosos*.

Faz mesmo pena entrar a gente no camaroteiro, solicitando um logarsinho de platea, e não ouvir lá de dentro a voz arisca de um ratão a quem taes exigencias finam de espanto:

— Isso era bom que houvesse!

A tudo a gente se habitua, até ao destempero. Faz-nos falta aquelle phrasear patusco, e estamos livres d'elle, sem duvida nenhuma, emquanto pelo menos fôr confiada a Talazac a parte de Romeu, visto que o primoroso artista, para Romeu, é desmedidamente Talazac. Parece tio do outro. Ou mais.

O apaixonado amante de Julietta era um fedelho. Não se metta com creanças, sr. Talazac.

E emquanto a vocelencia, celeberrima *diva*, é possível que ainda reste uma cadeira da geral aonde, para ouvir-a, nos seja licito morrer esborrachado.

Por tres mil réis, é canudo... Sabe que mais? es-pirre, minha senhora.

As tres pessoas da Santissima Trindade, que eram ha pouco o Silva, o Campeão e o Fonseca, acabam de cair no desconceito mais profundo. Tres refinados pantomineiros.

Os quinhentos contos que todos elles promettiam dividir pelas nossas algibeiras, nem sequer, ao que parece, transpuzeram a fronteira. Tudo branco.

Bem feito. O jogo é um vicio, e quem se levanta pelo vicio, é filho de Satanaz.

A prova de que Deus não leva a bem este systema de enriquecer, é não ter cabido a sorte grande ao bilhete que o Silva distribuiu pelos pobres, em cautellas de seis tostões, unico reclamo rascavel d'entre os muitos que ultimamente brotaram do bestunto dos cambistas. Deus é omnipotente; faz o que quer e sobeja-lhe tempo. Se a esta hora se não pula de alegria em casa de cento e cinquenta familias necessitadas, é porque o Omnipotente não quiz. A não ser que lá do ceo se tenha descoberto, atravez de tamanha caridade, alguma grande intrujice.

Tudo branco. Pobres ou ricos, exactamente como d'antes, trocaremos portanto as boas festas, para o que nem sequer já é preciso dispendir cartões, nem phrases, nem outras insignificancias.

A sociedade elegante descobriu a maneira de ser util ao proximo, livrando-se de estopadas. Acabam-se as visitas que era uso fazer por este tempo, e todas as pessoas que enviem á redacção do *Diario Illustrado* quinhentos réis em metal, considerarão trocados entre si os respectivos cumprimentos. Este preceito não equivale o outro, excede-o; porque, mediante aquella pequenissima quantia, até nos é dada a liberdade de cumprimentar quem não conhecemos. Em beneficio dos pobres, é muito bem entendido.

De resto, não nos agastemos contra o destino que, distribuido em cautellas, se está agora rindo á nossa custa, porque tambem, por outro lado, a Providencia teve para connosco uma grande bondade—não nos fez perús.

Está em moda o sopapo. Espera-se até que os nossos figurinos passem a desenhar-se engalfinhados, para que cada qual possa devidamente apreciar a elegancia de um murro em *toilette* de passeio, da bengalada grossa de casa e lenço branco, etc.

Qualquer lugar é bom para o exercicio da moda. A camara, o theatro, a escola, e, finalmente, a rua, que é dos democratas indigenas.

A bofetada do sr. Ferreira d'Almeida pertence á historia. Teve apenas a pequenina condemnação resultante do sr. Ferreira d'Almeida ser inferior do ministro para lhe bater, não o sendo aliaz para lhe ouvir as insolencias.

Na bofetada do sr. José d'Azevedo Castello Branco,

provou-se até não ter havido *intenção criminosa* de nenhuma especie. D'onde resulta que o acto, de duas, uma; ou não foi crime, ou então foi telha. Em ambos os casos se fica em duvida sobre a razão com que o illustre deputado foi constringido a uma séca de não sei quantos discursos, ao som dos quaes até um digno par, o dr. Agostinho Vicente Lourenço, dormiu como um abbade depois da sésta.

Intenção criminosa, é boa! Não faltava mais nada, senão que um militar, erguendo a mão e assentando-a em cheio na bochecha do seu superior, o fizesse por sua livre e espontanea vontade.

Onde ia então ficar a disciplina?

O facto, porém, é que o sopapo deu-se, e que nem por isso a moralidade pediu soccorro.

Agora é um lente de Coimbra que levanta mão profana contra um estudante da Universidade, o qual, por seu turno, prega uma tosa no lente, que foi curar-se á botica e d'aqui a pouco está bello.

E' a cousa mais corrente d'este mundo. Um lente d'uma escola superior, que arremette com um discipulo, sente por força cocegas no corpo. Pois que? já lhes não basta a satisfação de nos moerem os miolos com tudo o que ha de inutil, de indigesto e de semsaborão nos livros? Tambem se torna preciso molhar de quando em quando a sopa?... Esse caminho vae longe. Não vos dou nada pela pelle, guerreiro.

Falla-se agora vagamente em severo castigo contra o estudante que assim se portou, de tão desattenciosa maneira, para com as venerandas barbas da Universidade; affirma-se que o atrevido será expulso, que a terra tremerá de espanto...

Idiotas! Só aos estudantes é que é portanto vedado o exercicio da moda. Pois sim. Vão lá cizer a outro lente que siga o exemplo do seu bellicosos collega. Quer me parecer que, para taes conselhos, todos os sabios estão surdos.

Surdo estou eu já, tambem, pelo badallar monotonico, cadenciado e rijo dos sinos de S. Roque, que chamam as devotas á Missa do Gallo, por esta noite desalmadamente fria de 24 de dezembro, o mez das pneumonias e dos perús.

E emquanto eu me sinto ensurdecer e as mãos se me enregelam até á temperatura do sorvete, Santilhana volta-se talvez já para o outro lado, dormindo o somno dos bemaventurados e dos paes de familia em ferias.

Como é bom ser pae de familia, n'estas occasiões, e não fazer chronicas!

J. LIMA.

DUVIDA

Na miragem que surge ao erguer se o sol da vida
não sei com que olhos vi o teu perfil traçado,
imagem que te esvae qual sonho já passado,
botão de flor mimosa, agora emmurhecida...

Meiga visão d'outr'ora, astro que te has toldado,
escrinio d'uma joia, a alma enriquecida
de quanto é precioso, a perola querida
perdida prra mim n'um dia infortunado.

Era tudo illusão quanto suppoz sublime,
ou sem o teu olhar, em negro precipicio
deliro até julgar-te a resvalar no vicio?!

Se injusto sou, perdôa: a magua que me opprime
na tua ausencia atroz, é tal que não se exprime;
até me torna louco o horror d'este supplicio!

Setubal.

M. M. PORTELLA.

BOM FILHO

(A MEU MARIDO)

I

O João era um excellente rapaz: na aldeia não havia ninguem que não fizesse escarneo do pobre filho da Engracia, mas o grande caso é que, enquanto os outros andavam entregues a milhares de desvarios fóra da aldeia, onde não voltavam senão dias depois, quando não eram mezes, elle, que teria os seus vinte annos, nunca se separava da pobre mãe, para quem era o unico amparo, e cuja vida consistia n'aquelle filho, retrato fiel do marido que ella tanto adorára e a quem conservava ainda o mais effectuoso amor.

O rapaz tivera sempre, desde creança, muito enthusiasmo pelo estudo: n'alguns collegios de Lisboa, onde o pae o tinha educado a custo de tantos sacrificios, fizera elle inumeraveis progressos: de todos os alumnos, fóra sempre não só o mais estimado dos professores, mas tambem o que fazia exames mais distinctos. Foi assim que elle pagou as dedicações do pae, vindo mais tarde a ajudal-o, leccionando alguns rapazes da terra e conseguindo depois ser admittido como professor na escola regia da aldeia.

Na epocha em que travamos conhecimento com estes personagens, havia um anno que o pae de João tinha fallecido e ainda se não desvanecera n'aquelles corações a dôr profunda que lhes causára a morte do pobre velho, que tanto os estremecia. João tomou conta dos trabalhos do pae, que consistiam em administrar as fazendas de um fidalgo bastante rico, que ia, de tempos a tempos e star alguns mezes alli, no seu velho solar de provincia, e, sempre incansavel em proporcionar uma velhice esplendida á sua pobre mãe, trabalhava mais do que as forças lhe permittiam, chegando mesmo a perd-r noites inteiras; mas a amizade que lhe tributava e o desejo de a tornar rica, davam lhe coragem para a enorme lucta que tinha travado com o destino.

II

Era um esplendido dia de primavera, d'esses dias em que tudo nos parece sorrir e em que o sol retrata na agua crystalina dos regatos as mais pequeninas folhas das arvores. João, que se levantara mais cedo do que o costume, foi sentar-se n'um banco de pedra que havia no quintal da sua casa; parecia absorto n'um pensamento: indicava-o a perna direita traçada sobre a esquerda, o cotovello apoiado no joelho, a cabeça encostada á mão e o olhar vago, que parecia observar attentamente a extremidade do pé. Esteve assim por muito tempo; de subito, levantou-se, como se no intimo da alma tivesse dado uma resolução definitiva aos seus pensamentos, e dirigiu-se para a mãe que, tendo notado a falta d'elle, o viera procurar n'aquelle instante.

—Minha boa mãe,—disse elle,—tenho a dar-lhe uma triste noticia: o bom fidalgo, a quem tantos favores devemos, mandou-me chamar, e hoje mesmo tenho que sahir d'aqui. Vou para Lisboa... quem sabe, minha mãe, se no dia quatorze de maio, no dia dos seus annos, eu não a poderei abraçar, como das outras vezes?!

A mãe,—coitadital!—pallida e trémula, encostou-se ao hombro do filho para não cahir e disse-lhe:

—Vae; é o dever que te chama, vae... eu pedirei por ti nas minhas orações...

E, sem dizer mais uma palavra, dirigiu-se para casa, levando repetidas vezes o avental aos olhos, d'onde corriam em fio lagrimas ardentes como o amor que ella dedicava ao filho.

O João seguiu-a com a vista até ella entrar e, apenas a viu transpor o limiar da porta, deixou-se cahir extenuado sobre o banco, murmurando entre soluços:

—E' a primeira vez que mintol!

N'esse mesmo dia, ao declinar da tarde, quem passasse pelo adro da pequena ermida da aldeia, veria uma mulher lavada em lagrimas, acenando com o lenço para um homem que ao longe, seguindo o caminho da estrada. Era Engracia, que dizia adeus ao filho, quem sabe se para nunca mais o tornar a ver... Pobre velha!

III

Depois de ter visto desaparecer o filho na curva da estrada, aquella mulher, a quem roubavam o seu unico amparo, sentou-se nos degraus da porta da ermida, immersa na profunda apathia dos grandes soffrimentos. N'aquelle momento passava no caminho um bando de rapazes. Engracia foi despertada por uma troça medonha que estes lhe faziam.

—Olha lá, ó velhota, então o teu João, o modelo dos rapazes, vae para a cidade tornar-se um estroinal! Ora ainda bem... não haviamos só nós de ser os doidos... chora, velha, chora, vae esperando por elle que fazes bem! ah! ah! ah!

E continuavam, caminho da fonte, arrancando flôres, batendo nos cães que passavam, trepando aos vallados com uma algazarra verdadeiramente diabolica.

A velhinha, vendo-se escarnecida, levantou-se e, apoiando-se ao forte cajado que tantas vezes lhe substituiria o braço do filho, dirigiu-se para casa.

Não descreveremos aqui as angustias porque passou a pobre mulher, na noite que se seguira á partida do filho.

D'ahi a alguns dias recebia ella uma carta nos seguintes termos:

Minha boa mãe,

Não póde calcular as saudades que tenho tido desde que a deixei: a todas as horas, a todos os instantes, lembro-me de si e dos nossos serões, em que eu lhe contava tudo o que tinha feito e em que a mãe me animava para o trabalho do dia seguinte. Que tristeza! Longe da nossa aldeia, com poucas esperanças de voltar breve, sinto depedajar-se me o coração. Os meus negocios caminham regularmente. Escreva-me sempre que poder, nunca me esqueça e abençoe o seu filho

João.

E' facil presumir a alegria de Engracia quando recebeu noticias do filho: depois da morte do marido foi a primeira vez que no seu rosto, quebrado pelos desgostos e pela idade, se via brilhar um pequeno sorriso. Lheu e releu aquelle bocado de papel, foi ajoelhar-se defronte de um crucifixo que havia no seu quarto, pendurado em uma das paredes, e, com a carta entre as mãos erguidas ao céu, orou fervorosamente.

Passaram-se alguns annos; João escrevia a sua mãe, e, tendo o cuidado de nunca lhe marcar o dia em que tencionava ir abraçal-a, contava-lhe por alto a sua vida de Lisboa e promettia-lhe voltar para a aldeia logo que o fidalgo o dispensasse.

Quando virá elle? — pensava a pobre mãe, — se eu viverei ainda?

Na manhã do dia quatorze de maio, Engracia, segundo o costume, apenas se levantou correu ao adro da ermida, para ver o sitio onde tinha deixado de avistar o filho. Fazia dó ver a pobre mulher! Só quem é mãe é que póde avaliar o que se passava na alma d'aquella velha, distante do seu unico arrimo, abandonada, só.

Esteve assim por muito tempo com os olhos fitos na estrada. O seu olhar tinha a fixidez da saudade e a melancholia do desgosto; de subito, chamou-lhe a attenção uma nuvem de poeira, que se dirigia rapidamente para os lados da ermida: era uma carruagem.

Sem mesmo poder descobrir a causa, Engracia percebeu que o seu coração batia com violencia.

O trem approximava-se.

Dentro vinha um rapaz elegantemente vestido. A velha levou as mãos aos olhos, como se quizesse ver mais claro, tornou a fixal-os no trem, reconheceu o filho, soltou um grito e cahiu no chão.

Momentos depois, João estava junto d'ella.

—Minha mãe, minha adorada mãe,—dizia elle, procurando reanimal-a,—não me ouves, não fallas ao teu filho?

Era na verdade um quadro commovedor; bem poucos o presenciariam sem que as lagrimas lhe viessem aos olhos.

Engracia ia, pouco a pouco, voltando a si.

Os beijos collavam aquellas boccas ha tanto tempo faltas de carinhos.

—Meu filho,—dizia ella, mirando-o desde os pés até á cabeça,—como estás mudado em tudo! tão bem vestido, tão fino!... Como arranjaste tudo isto?

—Bem simplesmente, minha mãe; mas, primeiro que tudo, prometta que me perdôa.

—Perdoar-te, eu?! Que me fizeste?

—Menti-lhe: quando deixei a aldeia, não foi ao chamamento do fidalgo: fui unicamente a Lisboa com o fim de arranjar fortuna e... arranjei-a! Dispondo de algumas economias que tinha, emprehendi varios negocios nos quaes a felicidade me protegeu, mas, apesar d'isso, hoje, dia dos seus annos, nada mais lhe posso offerecer do que alguns papeis, onde escrevi repetidas vezes o seu nome...

E entregava á mãe um rolo de papel atado com uma fita côr de rosa.

Engracia desatou a fita e ficou surprehendida: os papeis eram inscripções.

João realisára o que tanto tinha desejado: a mãe estava rica.

Lisboa, 1887.

ADELINA SAMORA DE ALMEIDA.

A GEOGRAPHIA POLITICA DA OCEANIA

I

Esta quinta parte do mundo composta exclusivamente de ilhas isoladas, ou de numerosos archipelagos, a não querermos chamar continente á ilha enormissima da Australia, tem sido ultimamente objecto de tão numerosas occupaões e annexaões, de que nem os mais recentes compendios de geographia dão conta, que não será inutil darmos aos nossos leitores uma idéa de geographia politica actual da Oceania, advertindo-os de que o que é verdade no corrente mez de dezembro de 1887 talvez o não seja no mez de janeiro de 1888, por tal forma a ambição das nações colonias está a cada instante revolvendo o mappa d'aquelle mundo insular.

Fomos nós, que hoje tão pequeno espaço occupamos na Oceania, o primeiro paiz europeu, que alli arvorou o seu pavilhão e que revelou ao mundo occidental aquellas ilhas maravilhosas. Não fomos nós porém os primeiros conquistadores, alli como na India precedera-nos a conquista musulmana. Em 1478 o vasto imperio indiano de Madj-hapit que dominava em Java, nas ilhas das Especiarias, e em Borneu, imperio que chegara a um altissimo grau da civilisação, como o provam as ruinas dos templos e dos monumentos que ainda se encontram nas florestas javanezas, fôra destruido pelos musulmanos, e foram sultões pertencentes a esta religião que os subalternos de Albuquerque e dos seus successores venoeram e subjugaram em Timor, em Ternate etc., o escriptor francez José Joubert, cujo artigo da *Revista Britannica* nos serve um pouco de guia, faz, o que é raro, larga justiça á audacia dos nossos descobridores e dos nossos conquistadores. E' verdade que se lhes faz justiça, em compensação estropia-lhes os nomes. Parece que não seria facil adivinhar por exemplo qual foi o navegador portuguez que se chamou *D. Juge de Menénis*. As façanhas que praticou, e que o sr. Joubert narra, é que nos põem na pista do seu nome verdadeiro. Este *D. Juge de Menénis* é simplesmente *D. Jorge de Menezes*.

Ao nosso dominio succedeu o dominio hollandez, e juntamente com o nosso estabeleceu-se tambem n'uma parte da Oceania o dominio hespanhol. Os nossos audaciosos navegadores tinham entrevisto a Australia, mas foram os navegadores hollandezes e depois os inglezes e francezes que completaram o descobrimento da Polynesia. No seculo XVIII os Inglezes começaram a occupar os archipelagos descobertos, seguiram-se os Francezes, e ultimamente os Allemães. Prepararam-se os Estados-Unidos para entrar em scena, e até os Japonezes já se dão ares de quererem tambem fazer conquistas.

Vamos pois agora esboçar a geographia politica da Oceania em dezembro de 1887.

As possessões portuguezas estão hoje reduzidas, depois da cadeia á Hollanda de uma parte de Timor, e da ilha de Solor etc, cedencia feita pelo tratado de 1859, estão reduzidas pois á parte septentrional da ilha de Timor cuja capital é Dilly, e que constitue um districto da provincia de Macau. Diz erradamente o sr. Joubert que o nosso dominio em Timor é apenas nominal: na parte que occupamos é plenamente effectivo.

Seguindo a ordem chronologica vamos agora ás possessões hespanholas. Constam das Philipinas, das Carolinas e das Marianas.

O archipelago das Philippinas comprehende quatrocentas e oito ilhas, sendo as duas principaes Luçon e Mindanau. E' em Luçon que fica situada a capital Manilha. As Philippinas dividem-se em 14 provincias.

O archipelago de Sulu, composto de cento e cinquenta ilhas e que fica entre Mindanau e Borneu, era até ha pouco independente e governado por um sultão. Pelo convenio de 7 de março de 1875, assignado em Madrid entre a Inglaterra, a Alemanha e a Hespanha foi reconhecida a soberania da Hespanha sobre as ilhas Sulu. Está a Hespanha agora tratando de tornar essa soberania effectiva.

O archipelago das Carolinas pode subdividir-se em dois—o das Carolinas propriamente dito de Palaos. Se as Philippinas foram occupadas em 1565 pelos Hespanhoes, que lhe deram esse nome em honra de Philippe II as Carolinas foram annexadas e receberam esse nome, dado em honra de Carlos II, em 1686. Eram consideradas sempre como ilhas hespanholas, mas não tinham occupação effectiva.

Prevenidos pelo que estava succedendo trataram os Hespanhoes de as occupar e tinham mandado com esse fim á ilha de Yap um navio de guerra o *Manilla*, quando no dia 24 de agosto de 1885 o almirante allemão Knorr saltou em terra na mesma ilha de Yap, e nas bochechas da tripulação do *Manilla* alli arvorou a bandeira allemã. Lembra-se todos do escandalo enorme que isso fez em Madrid, a ponto de estar imminente um conflicto hispano-allemão. Bismarck teve o bom senso de indicar, para resolver o assumpto, a mediação do Papa, e, em virtude da decisão pontifical assignou-se em Roma a 17 de dezembro de 1885 um protocolo que reconheceu a soberania da Hespanha sobre o archipelago das Carolinas, que comprehende umas quinhentas ilhas,

entre o Equador e o 11° grau de latitude norte, entre 133 e 154 graus de longitude léste. A 8 de abril de 1886 assignou se em Madrid outro protocolo, pelo qual a Inglaterra adherio a esta declaração.

Finalmente as ilhas Mariannas tambem chamadas ilhas dos Ladões receberam aquelle nome em honra de Marianna de Austria, mulher de Philippe IV. Formam uma cadeia de 15 ilhas e a sua capital é Agaus.

As possessões hollandezas comprehendem a maior parte da ilha de Sumatra, cuja porção hollandeza se divide em 6 provincias. Ha alem d'isso as ilhas dos Estados sujeitos ao protectorado hollandez, e o reino independente de Atchin, contra o qual sustentaram os hollandezes uma guerra não muito feliz, e que é aquelle antigo reino de Achem, cujos soberanos tanto nos inquietaram na nossa posse pacifica de Malaca. As ilhas de Smikap, Bentang (a Bintam, celebradissima nas nossas chronicas tambem por causa da guerra com Malaca), e Avamba dependem do sultão de Sunda, que é vassallo da Hollanda. As ilhas de Banno e de Billarem formam uma provincia hollandeza, e as outras ilhas, que ficam na proximidade de Sumatra Si Malu, Nias, Si Buru, Si Pora e Nanar á Hollanda tambem pertencem.

A ilha de Java, que é a flôr das possessões hollandezas, é onde fica Batavia, a capital de todas essas possessões, a Hollanda pertencem tambem as ilhas de Madura, de Lamboso, de Comodo (deshabitada), de Flores, que foi uma das que nós cedemos e cuja capital é Larantuka. Sumbava está dividida em quatro Estados indigenas de que a Hollanda é suzerana, a Bali em oito Estados indigenas nas mesmas circunstancias.

Timor, como dissemos, pertence hoje em grande parte aos Hollandezes que tem em a sua capital Coupang.

O residente exerce a suzerania sobre onze Estados indigenas, e governa além de Timor as ilhas de Solor, Adamora, Lomblem, Patar e Ombay etc. Não podemos enumerar a infinidade de pequenas ilhas, de que está semeada aquella porção de mar e que todas pertencem á Hollanda.

Em Borneu exerceu a Hollanda um protectorado occupado effectivamente apenas alguns pontos do littoral. Comtudo o territorio hollandez de Borneu divide-se em tres territorios.

A grande ilha de Celebes está quasi toda debaixo do dominio hollandez, ha comtudo um grande numero de pequenos Estados independentes. Emtorno de Cebles ha ilhas tambem sujeitas á Hollanda.

As Molucas pertencem aos Hollandezes, como nos pertenceram a nós, mas elles como nós conservam aquelles antigos sultanatos de Ternate e de Tidor, cujos soberanos exercem um poder completamente nominal. Na Nova-Guiné occupa a Hollanda a parte oriental.

Possue a Inglaterra a Australia, exactamente ha um seculo, porque foi em janeiro de 1788 que Sydney se fundou. Essa enormissima ilha cu esse vasto continente está hoje dividido em cinco colonias differentes, ou cinco Estados, que teem quasi uma independencia absoluta: 1.º Nova Galles do Sul, capital Sydney; 2.º Victoria, capital Melbourne; 3.º Australia do sul, capital Adelaide; 4.º Australia Occidental, capital Perth; 5.º Queensland, capital Brisbane.

Separada da Australia apenas por um estreito fica a Tasmânia, capital Hobart-Town, colonia rodeada de umas cincoenta e cinco ilhas. Emtim emtorno da Australia agrupam-se um grande numero de ilhas isoladas ou de archipelagos todos dependentes da Australia e que pertencem á Inglaterra, como são as ilhas Melville e Bathurst, as ilhas Wellesley, as do Principe de Galles, a ilha Barrow, a de lord Howe, a Norfolk, etc.

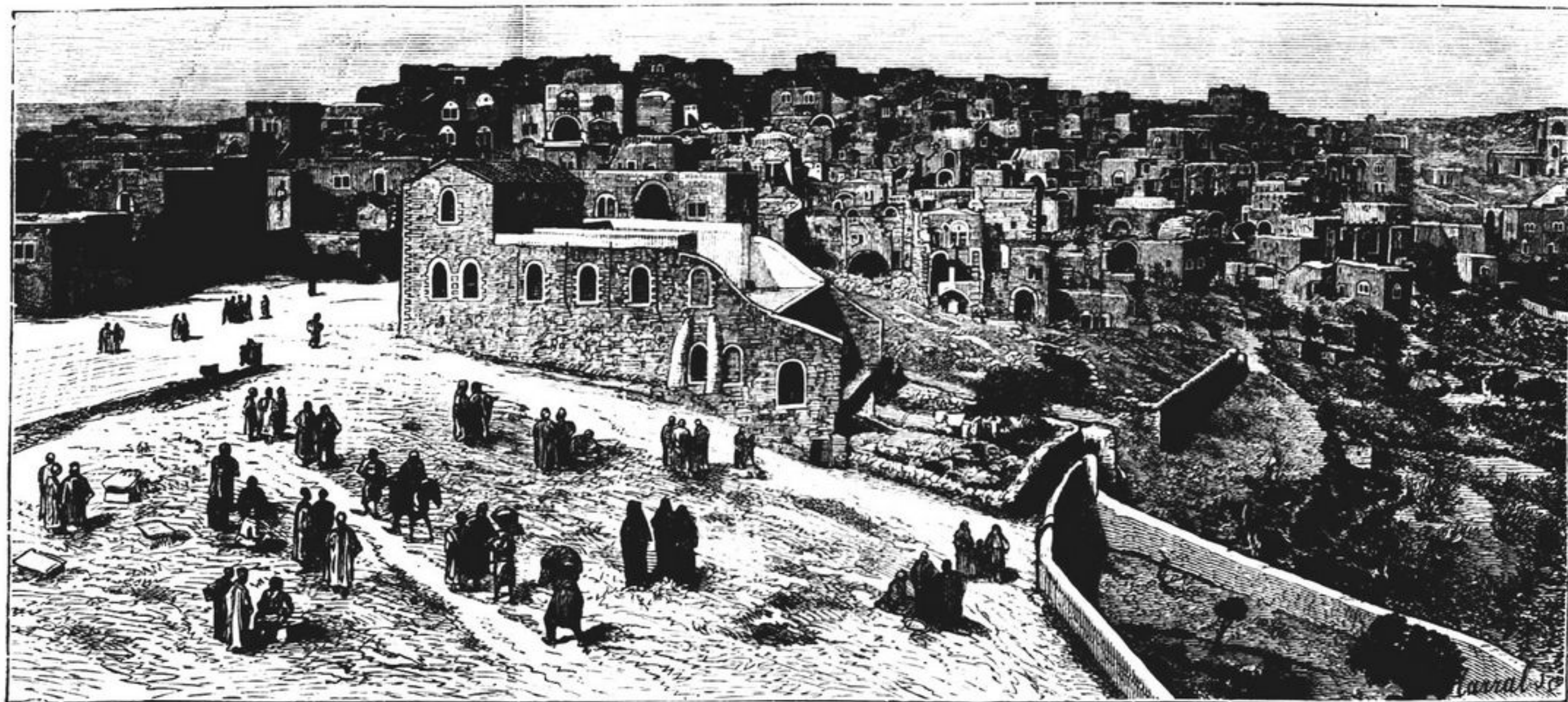
O archipelago da Nova Zelandia, onde os Inglezes se estabeleceram em 1833, tem por capital Auckland, e entre os archipelagos que d'esse archipelago dependem e que tão numerosos são devemos citar as ilhas Kermadec, as ilhas Catham, as ilhas Antipodas assim chamadas por serem a terra que fica mais proxima dos antipodas de Londres, as ilhas Auckland, e outras ilhas quasi deshabitadas, mas que se utilizam como depositos de soccorros para naufragos.

Começam agora as annexaões modernas. Em 1874 o soberano das ilhas Fidji ou Viti, que formam um grupo de 255 ilhas pouco mais ou menos, offereceu-as á Inglaterra que as annexou. Em 1880 a ilha de Rotumah foi reunida pelo governo inglez ás Fidjis.

Finalmente, quando em 1885, a Allemanha começou a lançar mão do que encontrava desoccupado, houve entre as nações colonias um verdadeiro panico. A Inglaterra na Oceania principiou a occupar o que lhe conveio e foi assim que no dia 1 de agosto de 1886 tomou posse das tres ilhas Ellice ou União ou Tokelau, que estavam apenas occupadas por alguns Americanos no meio de um grande numero de indigenas.

A 6 de novembro de 1884 já o commodoro Erskine a bordo do *Nelson* tomara posse da parte sueste da Nova Guiné. A esta nova colonia ingleza, que foi considerada como dependencia de Queensland estão adjacentes umas poucas de ilhas e de archipelagos, entre outros o das Luiziadadas.

No norte de Borneu ha uma colonia ingleza com uma organisação que está sendo hoje original. Um dos sultões de Borneu vendeu em 1877 um territorio vastissimo a um subdite inglez, o



BETHLEM

(VISTA TIRADA DO TERRAÇO DO CONVENTO LATINO)

sr. Dent, este passou-o a uma companhia *North Borneo Company*, que teve no dia 1 de novembro de 1881 o seu alvará do governo, e que é hoje uma companhia soberana como o foi em tempo a companhia das Indias. A Hespanha e a Hollanda protestaram, por varios motivos, contra a creação d'essa nova colonia ingleza, mas o tratado de Madrid, de 7 março de 1885, poz termo a essas contestações da parte da Hespanha, e as reclamações da Hollanda são puramente platonicas.

A ilha de Labuan, a ilha Peel e a ilha Pitcairn completam a lista das possessões oceanicas da Inglaterra, immensas possessões que asseguram à raça ingleza, para o futuro, um novo e enorme campo de desenvolvimento.

PINHEIRO CHAGAS.

Desterro dos senhores de Palhavan

III

Conjuração jesuitica!

Mas que houve ahí que o não fosse durante o longo consulado do marquez de Pombal? Quem ignora que os jesuitas eram a sua preocupação constante, e que não havia outro meio, não só de lhe prender a attenção, mas até de lhe captar a benevolencia, se não invectivar a Companhia de Jesus? Essa razão, em boa verdade, parece-nos extremamente vaga.

E' certo, dizer D. Luiz da Cunha, no seu despacho citado, que soubera com toda a certeza que o cardeal Torriggiani formara uma conspiração em Portugal, e que viera a descobrir se por *provas claras e concludentes* que os senhores de Palhavan tinham entrado n'essa conspiração com outros membros da nobreza e do clero. Porém, é fóra de toda a duvida que taes provas nunca appareceram!

Tambem o conde de Oeiras affirmava ao embaixador de França, conde de Merle, «que tinha em seu poder as mais evidentes provas de como aquelles padres tinham sido os primeiros impulsores do projectado assassinio de el-rei seu amo.»² E é bem sabido que até hoje ainda ninguem viu semelhantes provas!

Acceitem se, pois, essas affirmações com reserva; e, lembrando-nos que D. Luiz da Cunha, docil instrumento do marquez de Pombal, escrevia só o que este lhe dictava, busquemos serenamente encontrar alguns indicios, que porventura haja, da apregoadá conspiração jesuitica.

Em 9 de julho d'aquelle anno foi preso o sabio Moura Portugal, e conduzido ao forte da Junqueira. Consistiu o seu delicto em fallar com demasiada liberdade do governo. Notavam-lhe os seus amigos a pecha de ser franco em demasia, e fr. Estevam da Anunciação, a quem atraz nos referimos, chamava-lhe *um estouvado*. Foi isso o que o perdeu.

Interrogado em 14 e 15 do dito mez pelo juiz da Inconfidencia, o desembargador Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, foi o preso quem primeiro fallou nos senhores de Palhavan, quando ingenuamente confessou de que tratava'n as palestras que tinha com o conde de S. Lourenço e com o cruzio D. João VI em Palhavan. Praticas da peor especie—tudo murmurações do governo—e tambem calumnias, falsidades. Estas, por exemplo:—Que o religioso marianno que acompanhou o confessor do duque de Aveiro tinha contado que o duque dissera deante dos dois compariheiros «que elle no principio tinha culpado algumas pessoas que lhe parecia podiam fazer para aquelle caso, e isto não só com medo dos tractos que estavam á vista, mas para confundir e metter tempo em meio; porém, que a verdade era que só elle duque o tinha feito e mais tres creados que enganára.»—Que o mesmo reo, quando já desenganado, confessara a sua culpa e pedira ao dito religioso «que dissesse ao sr. Sebastião José lhe fallasse, que com effeito lhe fóra fallar, em companhia de mim escrivão, e que o dito duque dissera se queria desdizer do que tinhr dito, porque se lembrava do inferno; mas que a este tempo fóra elle desembargador juiz da Inconfidencia dizendo que a elle dito juiz é que pertencia aquelle negocio; e que com estas e outras razões se retiraram, sem se fazer cousa alguma.»—Que o capitão ou soldados que tinham acompanhado com tochas o sagra do Viatico, quando se dera aos fidalgos, ouviram a estes dizer e affirmar «pelo Senhor que recebiam, que elles estavam innocentes do crime por que eram accusados e por que morriam.»—Estas e outras noticias, que Bento de Moura Portugal houvera do conde de S. Lourenço, tinha-as communicado a D. João VI de Santa Catharina de Jesus.

Instado pelo juiz para declarar as occasiões que tinha de estar com o cruzio, respondeu que por occasião de fr. Gaspar da

¹ «Que o unico meio que havia de achar graça ante o conde de Oeiras era de clamar contra os jesuitas»—Off. do conde de Merle, de 5 de fevereiro de 1760, no *Quadro Elementar* do visconde de Santarem, t. VI, pag. 295.

² Idem. pag. 176.

Encarnação o chamar a Coimbra, por causa de se mudar o Mond-go, e de um paul, em que os senhores de Palhavan eram empenhados, no tempo em que estavam n'aquella cidade. os fóra elle procurar, e sempre lhe fizeram muita honra e mercê; e que por essa causa os ia vizitar a Palhavan. E que, como já de Coimbra tinha amizade com D. João VI, o procurava tambem nas occasiões em que procurava os ditos senhores; e que n'essas occasiões sabiam para um arvoredo, e alli conversavam sem mais outrem estar presente, nem o estava na occasião em que lhe dera as noticias sobre a innocencia dos fidalgos que fóram justificados.

No decurso do seu interrogatorio, Bento de Moura apontou as inconveniencias e defeitos de algumas leis, recentemente publicadas, e um ou outro alvitre que, a seu ver, os remediavam. Dos jesuitas disse que «embora não acreditasse na santidade do padre Malagrida, não lhe tinha parecido bem o modo por que os jesuitas tinham sido expulsos, porque em outro reinado podiam vir reclamando, por não serem ouvidos; mas que se devia passar um decreto, dizendo tão sómente que por terem conspirado contra sua magestade, e por não convirem n'este reino, eram havidos por expulsos, sem mais nada.» E que o nuncio lhe dissera, uma vez que jantara com elle, o mesmo que já tinha dito ao conde de Oeiras, quando os jesuitas fóram expulsos do paço:—«que lhes tirasse o commercio, que no mais não tinham que reformar.»

Com isto o mandaram recolher ao carcere, e nunca mais tornou a ser interrogado até a morte pôr termo ao seu martyrio.

ALBERTO TELLES.

O PREGO

(CAUSA GÉLEBRE)

V

MEMORIAS D'UM JUIZ DE PRIMEIRA INSTANCIA

I

Ha dois annos, exercendo o logar de promotor fiscal em ***, obtive licença para passar um mez em Sevilha.

No hotel onde me hospedei, vivia ha algumas semanas uma joven elegante e formosissima, que passava por viuva, e cuja procedencia e causa que a retinha em Sevilha eram um mysterio para os demais hospedes.

A sua tristeza, o seu luxo, a sua falta de relações, davam logar a mil conjecturas. Tudo isso, junto á sua incomparavel belleza e á inspiração e gosto com que tocava piano e cantava, não tardou em despertar na minha alma uma invencivel inclinação para aquella mulher.

Os seus aposentos ficavam exactamente por cima dos meus, de modo que a ouvia cantar e tocar, ir e vir, e até percebia quando se deitava e quando se levantava e quando passava a noite em claro, cousa que lhe era muito frequente.

Apesar de comer no seu quarto e de nunca ir ao theatro, tive occasião de comprimental-a varias vezes, ora na escada, ora n'alguma loja, ora de janella para janella, e em pouco tempo tinhamos os dois a consciencia do prazer com que nos viamos.

Tu sabes? que eu sempre fui grave, ainda que não triste, e esta minha circumspecção quadrava perfeitamente á retirada e retrahida existencia d'aquella mulher, a quem nunca dirigia palavra, nem procurava visital a no seu quarto, nem perseguia com impertinente curiosidade, como faziam outros habitantes do Hotel.

Este respeito que eu tributava á sua melancolia, impressionou-lhe o espirito, e acabou por fazel-a olhar-me com certa deferencia, como se já nos houvessemos declarado mutuamente.

Quinze dias tinham assim decorrido, quando a fatalidade, nada mais do que a fatalidade, me introduziu uma noite no quarto da gentil mulher.

Como os nossos aposentos occupavam identica situação no edificio, salvo estarem em andares differentes, as suas entradas eram eguaes.

Uma noite, ao regressar do theatro, subi distrahidó mais um lance da escada, e abri a porta do seu quarto, julgando abrir a do meu.

Ella estava lendo, e sobresaltou-se ao ver-me.

Eu fiquei aturdido de tal modo, que apenas pude desulpar-me. A minha mesma perturbacão, porém, e a pressa com que ia a retirar-me, convenceram-n'a da minha innocencia, e de que aquelle equivoco não era uma farça.

Retirei-me, pois, com exquisita amabilidade, e ella, para demonstrar-me, disse, que acreditava na minha boa fé, e que não estava agastada commigo, acabou por supplicar-me que me equi-



SADI-CARNOT

(PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA)

vocasse outra vez conscientemente, pois não podia tolerar que uma pessoa da minha condição e character passasse as noites à janela, ouvindo a cantar, quando os seus talentos modestos se louvavam se eu lhe prestasse attenção mais de perto.

Apesar de tão cathgoricas palavras, julguei do meu dever não ficar n'aquella noite, e sahi.

Passaram tres dias, durante os quaes não me atrevi a aproveitar o tentador offerecimento da bella cantora, com receio de passar por descortez aos seus olhos. O caso é que eu estava perdidamente enamorado d'ella; conhecia que uns amores com aquella mulher não podiam ter meio termo, senão delirios de dôr, ou delirios de ventura, e temia a atmosphera de tristeza que a rodeiava. Apesar de tudo, ao quarto dia subi ao segundo andar.

Permaneci ali largas horas.

A joven, que disse chamar-se Branca, e ser madrilena e viuva, tocou piano, cantou, fez-me mil perguntas ácerca da minha pessoa, profissão, estado, familia, etc., etc., e todas as suas observações me alegraram extraordinariamente.

A minha alma foi, d'esde aquella noite, escrava da sua.

Na noite seguinte voltei; na outra tambem, e depois todos as noites e todos os dias.

Amavamo-nos, e nem uma palavra de amor tinhamos trocado ainda.

Porém, fallando-lhe do amor, havia-lhe dito varias vezes a importancia que dava a este sentimento, a vehemencia das minhas ideas e paixões, e tudo o que necessitava o meu coração para ser feliz.

Ella, pela sua parte, manifestou-m que pensava do mesmo modo.

—Eu, disse-me uma noite, casei-me sem amar meu marido. Pouco tempo depois odiava-o. Hoje, morreu. Só eu sei o que tenho soffrido. Comprehendo o amor d'esta maneira: ou é o Paraiso, ou o Inferno, e para mim, até agora, sempre tem sido o inferno.

N'aquella noite não dormi.

Passai-a reflectindo nas ultimas palavras de Branca.

Que superstição a minha!

Aquella mulher causava-me medo. Chegariamos a ser, eu o seu Paraiso, e ella o meu Inferno?

No entanto, estava a acabar o mez de licença.

Podia pedir outro, pretextando uma doença... mas devia fazel-o?

Consultei Branca.

—Porque me consulta a mim? respondeu ella, pegando-me na mão.

—Certamente, Branca, respondi eu; amo-a, faço mal em amal-a?

E Branca empallideceu, e os seus olhos negros deixaram escapar torrentes de luz e de voluptuosidade.

II

Pedi pois dois mezes de licença, que fôram concedidos, graças a ti. Nunca tu me tivesses feito essa fineza.

As minhas relações com Branca, não fôram amor; fôram delirio, loucura, fanatismo.

Longe de esfriar o meu ardor, a posse d'aquella mulher extraordinaria mais o exacerbou.

Cada dia que passava, descobria novas afinidades entre os nossos caracteres, novos thesouros de ventura, e novos mananciaes de felicidade na sua alma e predilecções.

Porém, na minha alma como na d'ella, brotaram ao mesmo tempo mysteriosos temores.

Temiamos perder-nos. Esta era a formula da nossa inquietação.

Os amores vulgares necessitam do medo para se alimentarem e não decahirem. Por isso está averiguado que toda a relação illegitima é mais vehemente que o matrimonio.

Mas um amor como o nosso achava reconditos pesares no seu futuro, na sua instabilidade, na sua carencia de laços indessolveis, finalmente.

Branca disia-me:

—Nunca esperei ser amada por um homem como tu, e depois de ti não vejo amor nem ventura possiveis para o meu coração. Um Amor como o teu era a necessidade da minha vida.

—Casemos-nos, Branca, respondia eu.

Branca baixava a cabeça com angustia.

—Sim, casemos, tornava eu a dizer.

—Quanto me amas! replicava ella. Outro homem em teu lugar regeitaria essa idéa se eu a propozesse. Tu, pelo contrario...

—Eu, Branca, estou orgulhoso de ti. Quero ostentar-te aos olhos do mundo, quero perder todo o receio ácerca do futuro, quero saber que és minha para sempre. E demais, tu conheces o meu character, e sabes que nunca transijo em questões de honra. Pois bem; a sociedade em que vivemos chama crime á nossa felicidade. Porque nos não havemos de redimir aos pés do altar? Quero-te pura, nobre e santa. Amar-te hei então mais do que hoje. Aceita a minha mão.

—Não posso—respondia-me aquella mulher incomprehensivel; e este debate reproduziu-se mil vezes.

Um dia, em que eu discurssei largamente contra o adulterio, Branca commoveu-se muito, chorou, e repetio, como costumava:

—Quanto me amas! que bom, que grande, que nobre tu és!

Estava a findar o praso dos dois mezes. Era necessario voltar ao meu logar, e assim o annunciei a Branca.

—Separar-nos! gritou ella com immensa dôr.

—Tu assim o queres, respondi.

—Isso é impossivel! Eu adoro-te! Abandona a tua carreira. Sou rica. Viveremos juntos, exclamou ella tapando-me a boca para que não replicasse.

Beijei-a e respondi-lhe:

—De minha esposa aceitaria essa offerta com sacrificio, é verdade... mas de ti...

—De mim! respondeu chorando; da mãe de teu filho!

—Quem? tu, Branca!

—Sim. Deus acaba de dizer-me que sou mãe. Mãe pela primeira vez. Tu completaste a minha vida, e no ante-goso d'esta ventura queres abandonar-me!

—Sê minha esposa, Branca; foi a minha unica resposta.

Branca levantou a cabeça com uma tranquillidade indefinivel e murmurou:

—Serei tua esposa.

—Obrigado.

—Escuta, não quero que abandones a tua carreira! Volta ao teu lugar. Quanto tempo tardarás em arranjar ali os teus negocios e sollicitar do governo nova licença para voltar a Sevilha?

—Um m z.

—Um mez? replicou Branca. Bem, aqui te espero. Volto dentro de um mez, e serei tua esposa. Hoje são 15 de abril. A 15 de maio sem falta.

—Juras?

—Juro.

—Amas-me?

—Com toda a minha vida.

—Pois vae-te e volta. Adeus!

Parti n'aquella mesmo dia.

(Continúa).

TRAD. D'ALFREDO GALLIS.

A DANÇARINA

(Paul Aréne)

Logo que o comboyo parou, o abbade Lébre fechou o seu breviario, encadernado em cachemira preta; em seguida, arrumou-o em um canto da mala, tossiu, sacudiu-se, e com um aspecto heroicamente resignado, contrastando comicamente com a sua boa, espessa e paternal physionomia, poderiam ouvir-o murmurar:

—Coragem e tento na bola, eis-nos em Babylonia!

A dizer a verdade, o abbade Lébre não parecia muito contrariado de achar-se em Babylonia.

Ver Paris, ero o sonho que havia muito acariciava, no fundo da sua humilde parochia, acantoadá no reconcavo das serras.

A' primeira vista, o abbade Lébre exultara, recebendo o inesperado legado que lhe permittia renovar os paramentos do altar, as vestes sacerdotaes, reduzidas ao ultimo grau de penuria, e comprar um sino novo.

Mas a este legitimo e santo jubilo, juntara-se uma alegria profana,—o abbade accusava-se mentalmente—; as importantes compras que ia realisar, exigiam que o padre fosse a Paris e confiasse, por alguns dias, o cuidado das suas missas a outro cura,— seu visinho.

Entretanto, a despeito de um tal ou qual prurido da consciencia, a satisfação de conhecer Paris, que elle procurava havia um quarto de hora atravez do nevoeiro, seria completa, se a agradável missão de percorrer, com as algibeiras repletas de dinheiro, as lojas do arrabalde S. Sulpicio, deslumbrantes de brocado e oiro, não se juntasse outra mais escabrosa, que o abbade impozera a si proprio.

O abbade Lébre tinha um irmão, mais velho do que elle quatro ou cinco annos. O irmão era pintor e rezidia em Paris.

Os dois amavam-se ternamente, bem que houvessem seguido caminhos totalmente oppostos.

Mas no intimo do seu coração, o sacerdote nutria um resentimento contra João de Deus Lébre.

Com grande desespero seu, João de Deus, que orçava pelos cincoenta e tres, não quizera cazar-se, bem que se lhe tivessem deparado soberbos partidos.

Havia um mez que o abbade sabia o motivo d'essa estranha resolução.

João de Deus tinha uma amante! E que amante! Uma dançarina, uma italiana que se chamava Adalgisa.

A revelação maguára profundamente o bom abbade; esse nome, amorosamente visigodo, de Adalgisa, era por força alguma das trezentas alcunhas do diabo. Uma honesta e fiel christã, não podia chamar-se Adalgisa!

E eis ahí porque João de Deus não se casára; eis porque, em seguida ao seu primeiro exito, renunciara á pintura religiosa, preferindo-lhe assumptos profanos, modernismos, pagos a peso de ouro; eis sobre tudo porque lhe parecera alquebrado e velho, antes da idade. quando havia seis mezes o vira, por occasião de ir tratar-se ao Mont Doré.

Na cabeça do ingenuo sacerdote, povoada de visões orgiacas, João de Deus representava-se-lhe passando as noutes e consumindo a vida nos logares de perdição. Os copos tilintavam, o champagne corria, e Adalgisa piruteava.

—Heide ver essa Adalgisa, heide fallar-lhe e conseguirei arrancar o pobre João das suas garras!

Chegado ao hotel do Bom Fabulista, o abbade teve apenas tempo de escovar a batina e de engolir um caldo, em uma casa de jantar branca e alegre como uma sachristia, ao lado de um bispo *in partibus*, possuidor de uma veneravel barba que o intimidou; depois do que, devidamente informado pelo creado, dirigiu-se para a residencia de João de Deus.

Pelo caminho, o abbade perguntava aos seus botões:

—Que feitio terá essa tal Adalgisa?

Antes de entrar no seminario, tinham-o, de uma vez, levado ao theatro. Recordava-se do bailado, onde havia uma dançarina de pernas cõr de rosa, quasi nua, com uma saia transparente e branca que adejava no ar. A rapariga tinha uns grandes olhos negros, a bõca escarlata como um cravo, exhibia diamantes no cabello e no corpete, dançava e sorria.

Provavelmente, era Adalgisa! Revia as pernas cõr de rosa, a nudez provocante, gyrando em torno do infeliz João de Deus.

Tal qual como Salomé em presença de Herodes!

E se Herodes, rei dos judeus, se deixára seduzir, o que havia a esperar da parte de um pintor?

As idéas atropelavam-se na mente do abbade Lébre.

Era possivel tambem que Adalgisa se parecesse com a rainha de Sabá, cujo fantasma tentou santo Antonio. E se ella me tentar a mim, humilde pastor d'almas, monologava o levita, como hei de resistir-lhe?

O abbade Lébre vacillava, sentia impetos de fugir.

Mas o sentimento do dever prevaleceu!

—Aniquilarei o idolo de carne. Sim, seja embora Adalgisa mais seductora do que Salomé e a rainha de Sabá, heide vencer. Deus auxiliar-me-ha...

Apertando o castão da grossa bengala, prudente companheira, e carecendo de ganhar animo, antes de emprehender a batalha, o abbade entrou em uma igreja e rezou.

Devidamente garantido contra as suggestões demoniacas, o parochio subiu a escada e bateu á porta.

Veio abrir uma senhora edosa, de idade ultra canonica, mas ainda bem parecida na moldura dos seus cabellos brancos.

—E' a governante, concluiu o abbade.

Declinado o nome de João de Deus Lébre, a velhinha informou que o sr. João de Deus tinha ido dar o seu passeio matinal e não podia tardar.

—Se o sr. abbade quizer esperar... accrescentou.

O padre entrou em uma sala de um luxo discreto, sem nenhuma especie de ornatos espectaculosos.

Emquanto esperava, o sacerdote passou revista á casa.

Sobre o fogão via-se um retrato em moldura doirada.

O padre reconheceu Adalgisa, tal qual a fantasiara: idolo de carne, de grandes olhos pretos, bõca vermelha, e tão diabolicamente formosa, que a sua alma sentiu-se perturbada. Se o retrato te fez medo, que succederá, meu pobre abbade, quando encares de perto a verdadeira Adalgisa!

O padre invocou Santo Antonio e sentiu illuminar-se-lhe o espirito ao fulgor de uma inspiração.

A velhinha tinha ido activar o lume do fogão.

—Queira desculpar, sr. abbade, mas preciso ir preparar a tisana.

—Se eu me abrisse com esta boa e digna senhora? scismava o sacerdote? O escandalo deve por força desagradar-lhe; evidentemente, não poderá deixar de approvar o meu plano.

O abbade conversou, interrogou, e sem se fazer conhecer, informou-se com respeito ao modo de viver de seu irmão, em Paris.

A velhinha asseverou que João de Deus tinha uma existencia regularissima, exclusivamente votada á sua arte e aos seus quadros, acordando ao cantar do galo, e deitar do-se antes das gallinhas... E a despeito d'esse regimen, o artista estava quasi sempre doente. Ainda hontem, o medico disse: «ha muito que o sr. teria morrido, se não fossem os cuidados da sua enfermeira.»

O abbade meditava: a pobre senhora ignora o fatal segredo; que hypocrita me saiu o sr. meu irmão!

E suavemente, com a sua unctuosa voz de confessor, o ab-

bade contou tudo á velhinha, estupefacta. Não obstante a sua idade madura, João de Deus praticava loucuras, tinha amantes.

—Amantes!... voltou ella, recuando e empallidecendo.

—Uma, especialmente, que acabará por perdê-lo, se o não salvarem a tempo. E' Adalgisa, a bailarina, o original d'aquelle infernal retrato.

A velhinha desatou a rir.

—Então o sr. quer aconselhar o sr. João de Deus a que fuja d'essa má mulher? E se obtiver isso, julga que Deus o approvará?...

«Não duvidaria auxiliá-lo, sr. abbade; mas, infelizmente, eu sou Adalgisa.»

E, maliciosamente, esboçando uma pirueta, concluiu:

—Mas tranquillise-se, sr. abbade. Como vê, Adalgisa está um pouco mudada, e ha trinta annos que não dança.

—Ahi vem João de Deus; que lhe hei de dizer? perguntava o abbade a si proprio.

Depois de reflectir, deliberou não dizer nada.

Como poderia o bom abbade amaldiçoar uma Salomé, que possuía a prenda de preparar tisanas, e uma rainha de Sabá, coroadada de cabellos brancos?

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

HELENA THEODORINI

Reappareceu-nos este anno, no palco de S. Carlos, a gentil *prima-donna* Theodorini, cujo talento artistico o publico bisbonense já conhecia de sobra e devidamente apreciava.

Sempre que uma cantora é reescripturada para um theatro tão exigente como o de S. Carlos, tem n'esse mesmo facto o seu maior ologio.

Em verdade, Theodorini é uma distincta cantora, que desde os primeiros annos da infancia revelou os mais notaveis dotes artisticos dando concertos de piano forte.

Em Milão frequentou o Conservatorio sob a direcção do professor Sangiovanni, que se não enganou nas predicções de gloria com que lhe vaticinou o destino.

A sua estreia como cantora realisou-se no theatro de Cuneo, em 1877, cantando o papel de Gondi, na *Maria de Rohan*.

O publico recebeu-a com enthusiasmo, e não teve que arrepender-se, porque a carreira artistica de Helena Theodorini foi, desde então, uma serie de triumphos.

Em Alexandria cantou o *Ruy-Blas* e o *Barbeiro de Sevilha*; em Livorne a *Sapho* e a *Norma*; em Chieti, a *Força do destino*; em Turim, o *Fausto*, e em Bucharest o *Trovador*, a *Lucrecia*, a *Favorita*, o *Baile de Mascaras* e a *Yone*.

Querida do publico, triumphante de palco em palco, Helena Theodorini cantou no Scala de Milão o *Fausto*, os *Heguenottes*, a *Herodiade* de Massenet e a *Bianca da Servia*, do maestro Smareglia.

Estrella da opera, continuou descrevendo a sua orbita gloriosa em Italia, em Hespanha e em Portugal, onde pela primeira vez podémos apreciar-a o anno passado.

Todos nos lembramos da sua primeira estação lyrica no theatro de S. Carlos, onde cantou a *Aida*, a *Africana*, a *Gioconda*, a *Norma*, o *Rei de Lahore*, e os *Dorias*.

De Lisboa, Helena Theodorini voltou a Hespanha, cantando ahí no theatro de Sevilha.

Agora, eil-a de novo em Lisboa, onde encontrou o mesmo calor nos applausos, a mesma admiração no publico, os mesmos louros no palco.

BETHLEM

(Vista tirada do terraço do Convento Latino)

A nossa gravura representa a cidade de Bethlem, vista da torre do Convento Latino.

De todas as povoações da Palestina, é esta a que conta menos judeus e mahometanos. Quasi todos os habitantes são ou protestantes ou catholicos. A propaganda protestante, mais activa aqui do que em parte alguma, tem conquistado numerosos proelytos de 1840 para cá, data em que alli se estabeleceu. As mulheres de Bethlem são consideradas, entre todas as da Syria, como as mais bellas. Um grande numero de habitantes emprega-se na manufactura e commercio de objectos piedosos. A cidade onde diz o Evangelho que Jesus nasceu n'um presepio, para ensinar a humildade e o amor aos homens, é hoje habitada por vendilhões de cruces e bentinhos.

Proximo á porta de Santo Estevão fica a lagoa de Ezechias. E' um pequeno tanque em que se juntam as aguas das chuvas.



1735

MODAS

Um pouco adiante está o tumulo de Absalã, que os judeus continuamente enchem de pedras, em signal de reprobção pela lucta que empreendeu contra o rei David, seu pae. O tumulo de Zacharias é a outra construcção que se vê perto d'aquella. A que se lhe segue é o tumulo de S. Thiago. Denomina-se todo aquelle valle o valle de Josaphat, logar onde, segundo a tradição, se hão de juntar todos os filhos de Adão e Eva para serem julgados no dia do juizo final.

SADI-CARNOT

Presidente da Republica Franceza

O novo presidente da Republica franceza, Francisco Maria Sadi-Carnot, nasceu em Limoges a 11 d'agosto de 1837, e é neto do celebre convencional, Hypolito Carnot, que foi ministro da instrucção publica.

Sadi-Carnot é um engenheiro distincto e concluiu ha 24 annos o seu curso na escola de Pontes e Calçadas, onde recebeu os primeiros premios.

Logo que alcançou o diploma de engenheiro, foi nomeado secretario adjunto do conselho de Pontes e Calçadas, e, pouco depois, despachado engenheiro chefe do districto de Annecy.

Em 1870, quando rebentou a guerra franco-prussiana, Sadi-Carnot, sob as ordens do sr. Freycinet, tomou parte na organisação da defeza nacional: no anno seguinte foi nomeado *prefeito* do Senna Inferior. Nas eleições que se fizeram depois da guerra, foi eleito deputado da Côte d'Or, sua terra natal. Tomou assento nos bancos da esquerda moderada e entrou nos debates parlamentares.

Successivamente reeleito, foi em 1878 nomeado sub-secretario de estado das obras publicas. Quando, em 1880, caiu Freycinet, Sadi-Carnot foi feito ministro das obras publicas, sob a presidencia de Ferry, retirando-se em 1881, quando subiu ao poder o ministerio Gambetta.

Foi depois successivamente ministro da fazenda nos ministerios Ferry e Brisson.

Sadi-Carnot é um politico finissimo e sagaz, «double» d'um escriptor «hors ligne». Tem atravessado a vida parlamentar e a vida publica sem provocar odios nem malquerenças.

Patriota convicto e homem de ordem e de tolerancia, a sua eleição para o alto cargo de presidente da Republica foi acolhida com satisfação em toda a França.

O sr. Sadi-Carnot é muito magro, muito pallido, e usa barba toda, muito preta.

Começa agora a encalvecer, e é de presumir que chegue a ser tão calvo como Grévy.

A expressão do novo presidente é severa e triste, tendo ás vezes um tanto ou quanto de lugubre.

Quando fallava, na camara, nunca tinha enthusiasmos. Viam-no sempre sereno, correcto, impassivel, aprumado, serio, melancolico e solemne.

O novo presidente da Republica é casado com madame Cecilia Dupont White, filha de Dupont White, celebre economista e escriptor politico, fallecido ha alguns annos.

D'esse enlace nasceram quatro filhos: Sadi, alferes de infantaria; uma filha, casada com o sr. Cunisset, advogado em Dijon; Ernesto, alumno da Escola de Minas; e um outro filho, Francisco, que estuda no lyceu Janson.

Similhanamente a Grévy, Sadi-Carnot não sae quasi nunca á noite. Detesta a vida mundana, deita-se cedo e levanta-se tambem cedo, para trabalhar.

Na sua casa da rua des Bassins, 25, 3.º andar, levava uma existencia simples e modesta, dando poucas recepções e menos jantares.

O seu novo cargo obriga-o ha por certo a mudar de habitos.

São os espinhos do poder...

Muita gente pensa que o sr. Sadi-Carnot tem algum parentesco com o famoso poeta persa. Não é verdade. O novo presidente tem por padrinho de baptismo um tio que, nascido durante o periodo revolucionario, na occasião em que todo o republicano que se presava recusava dar o nome d'um santo aos filhos, recebera o appellido do poeta das rosas. Esse appellido transmitiu-o ao afilhado.

MODAS

As leitoras encontrarão hoje, na nossa gravura de modas, o figurino de quatro bonitas capas.

Vamos descrever-lh'as:

1.ª—Capa para menina. *Pardessus* de pellucia lortra, franzido

na cintura e liso no peito e costas. Guarnece-o uma tira de astrakan branca, partindo do hombro, atravessando em diagonal o peito e acompanhando-se, da cintura para baixo, com uma segunda tira.

Enfeitam o peito quatro alamares.

Serve de remate a esta *toilette* infantil um chapéu redondo, de abas levantadas, adornado com um molho de plumas.

2.ª—Capa para *baby*, em lã branca, asertoada com botões, e com rebuços de surah azul. Gola e enfeite de surah. Pequena capota de cambráia, armada em folhos pregueados e franzida no alto da cabeça.

3.ª—Capa visite, em lã phantasia, imitando os concheados da renda. A capa é muito curta atraz e fórma adiante duas pontas. Guarnece a aba na cintura, as mangas e a gola uma tira de Chinchilla. Serve de complemento á *toilette* uma pequena capota de renda, rucheada na frente e enfeitada com plumas collocadas no alto da copa.

4.ª—Grande capa phantasia, de pellucia lavrada, cõr *beige*, com mangas pequenas, cobertas pelos dois pannos da frente, pouco abotoados e lisos aos lados. A capa arma pregas na cintura, enfeitada com laçadas de fita.

Guarnece-a uma riquissima pelle zibellina, que debrua os pannos dos lados. Pertence a esta capa um chapéu de feltro, *beije*, com a aba levantada na frente e enfeitado com plumas.

COLLEGIO MILITAR, NA LUZ

O logar de Nossa Senhora da Luz fica proximo de Telheiras, em uma situação plana e agradável, rodeado de *chalets*, casas de campo e quintas com jardins, pomares, e arvores silvestres.

Tem um grande e formoso largo, alindado com duas fileiras de arvores em torno, e por fóra d'ellas, pelos quatro lados do campo, largas ruas macadamizadas, para carruagens.

N'este largo ostenta se o edificio do antigo hospital, actualmente occupado pelo collegio militar.

A construcção do hospital foi começada pela infanta D. Maria, filha da rainha D. Leonor, e acabou-se em 1618, sendo-lhe consignados rendimentos sufficientes para poder sustentar e tratar até 63 enfermos.

O terremoto de 1755 causou bastante ruina a este edificio, que foi reparado passados annos.

Fizeram-se lhe depois muitas obras, para a accommodação do collegio militar.

Ultimamente, o director do collegio, sr. conselheiro Francisco Maria da Cunha, tem ali mandado proceder a muitos melhoramentos importantes.

O edificio tem agora em frente um pequeno jardim, cercado de uma grade de ferro.

NO ALBUM DE MINHA ESPOSA

A ti, que ainda és melhor do que era a minha Mãe,
A ti, que tens no olhar tão negro e avelludado
A doçura suprema e esplendida que tem,
Em noites sem luar, o céu todo estrellado,

A ti, que tens no rosto infantil, innocente,
A graça angelical, purissima e divina
Que adorna de manhã a nuvem transparente,
E veste de pudor o calix da bonina,

Eu dedico este livro inutil, como vós,
Mas aonde não ha uma phrase mentida,
E venho assim depól-o, estatico, aos teus pés,
Vida da minha alma, alma da minha vida!...

Lisboa, 13—12—87.

EÇA DE ALMEIDA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

Ao distincto charadista albicastrense, «Oruol»

Ha uma divindade e um animal que formam uma embarcação—1—2.

Em Gôa vé a interjeição para embarcar—1—1—1.
 Tem piedade a imaginação d'um adverbio—7—2.
 E' immenso um pronome por ser mythologico—1—1.
 Adverbio e verbo, que formam uma villa—2—1—1.
 Na ave e em Macau, o amarillo é villa—1—1—1.
 Em Monsanto tem força uma villa—1—2.
 Corre, luz e é uma flor—2—1.
 Este jogo é verbo, por ser jogo—2—1.
 Brame a musica no tico porque é animal—1—1—1.

Covilhã. ANTONIO R. BRANCAL.

Co'a minha espingarda,
 P'lo campo, não tarda
 Que eu vá divertir-me;—2
 Creia que ha de ser
 A uma *ate* qualquer
 Difficil fugir-me—2.

Vou já procural a
 Pra mi bem limpal-a;
 Mas... por vida! minha!
 Onde a puz não sei!
 Onde é que a guardei?
 Ah! 'sta na cosinha.

Muito homem o uscu
 E muita mulher;
 Em Paris estou,
 Jogo pode ver,
 E pronome sou
 Que ha de vogal ter.

Vamos, *matadores*,
 (Notem, me refiro
 A decifradores.)
 Certeza no tiro,
 Que eu a bastidores
 Lesto me retiro.

MATHEUS JUNIOR.

Logogripho

Retribuição ao *Non-plus-ultra* dos charadistas,
 Antonio Rodrigues Brancal

Vou cumprir o meu dever
 Com a honra competente,
 Retribuindo ao amiguinho
 Charada tão eminente.

Eu vi n'uma embarcação—21—1—3—14—8
 Utensilio n'ella usado—19—5—21—7—11—22
 Segurar um animal—3—6—13—8—15
 Por uma doença atacado—13—9—13—4
 Em cidade portugueza—13—14—1—8—10—22
 Certo passaro encontrei—13—1—12—7
 Comendo este bello fructo—17—22—20—19—2—1
 Que eu na Africa comprei—1—18—13—15—23

Não julgue, amigo, qu'è peta
 Tudo o que tenho contado;
 Digo-lhe mais:—E' um nome
 Pelo senhor muito usado.

Castello Branco. ANTONIO M. CHURRO.

Pergunta enigmatica

(Ao Pequeno Antoninho)

Que bicho é, oh! Antoninho,
 —Não cuides ser isto tretas—
 Que não imita os peraltas,
 Pois que não usa lunetas?

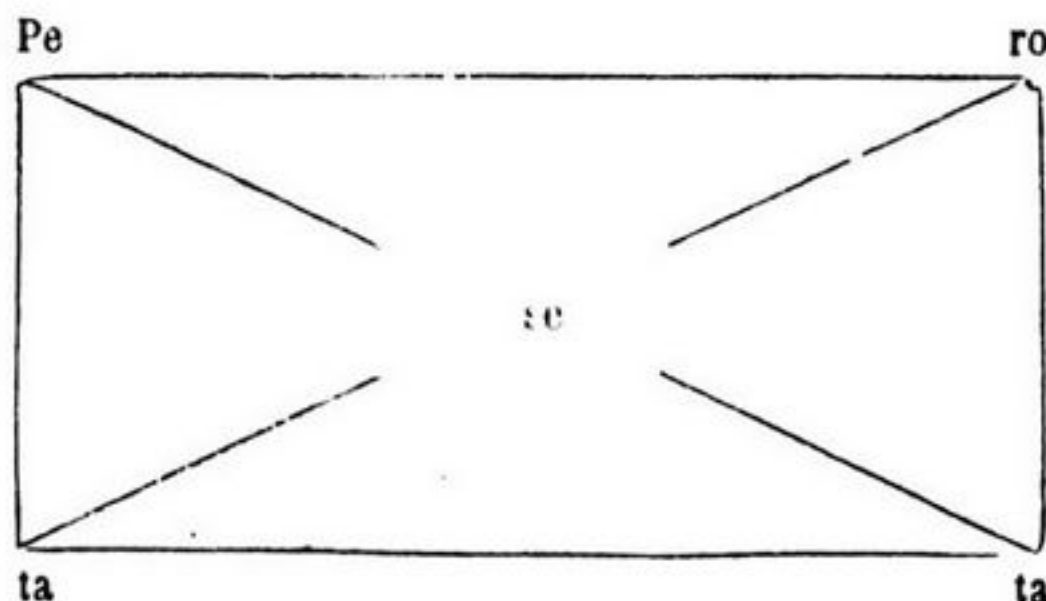
Faro. DOMINÓ BRANCO.

Quebra-cabeças

Formar cinco palavras, cujas iniciaes e finaes formem duas villas portuguezas.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVÍSSIMAS:—Arpão—Aidia—Vero—Serpão—
 Regoa—Machina—Acrostica—Caja.
 DA CHARADA CONIMBICENSE:



DA CHARADA EM LOSANGO:

C
 m a r
 m u m i a
 c a m e l l o
 r i l h a
 a l a
 o

DO LOGOGRIPHO:—Jabiru.

As charadas novissimas postas a premio no n.º 21, foram decifradas pelos ex.ªs srs. Paulo Rodrigues, de Ovar, Joaquim Augusto Correia, d'Abrantes, e Zé Zé, da Regua.
 O premio coube ao ultimo d'estes decifradores.

A RIR

O sr. X. entra em casa com um chapéu que lhe cae até ao nariz.
 A cara metade põe as mãos na cabeça e exclama:
 —O' menino, onde foste tu buscar esse chapéu? muito mal te fica!
 —Isso sei eu, e disse-o ao chapelleiro. Mas elle mostrou-me a medalha da exposição, que querias que eu fizesse?

Entre dois bebados:
 —Diabol! Sempre agual!
 —Mas tambem, esqueces que é a agua que faz crescer a uva.
 —A agua?! Oh! se eu soubesse d'isso antes, não tomaria tanto amor ao vinho!

UM CONSELHO POR SEMANA

PERDIZ A INGLEZA

N'um tacho, que tenha uma boa colher de manteiga de vacca, lancem a perdiz, tendo o cuidado de lhe introduzir, na cavidade do peito, um ramo de salsa, uma pouca de pimenta, uma cebola e os figados da ave.
 Depois de refugada e um tanto dourada, lancem-lhe a agua conveniente para se cozer, e deixem ferver até que a agua esteja quasi de todo sumida.
 Retirem depois, pisem bem os figados e tudo quanto introduziram na cavidade do peito, misturem a essa massa um calix de bom vinho branco e a calda que ainda ficou do refogado, tornem a pôr por um momento ao lume, e podem servir a ave, depois de coado o molho por um passador.
 O figado, a salsa e a pimenta deram-lhe um acre muito agradavel, e a junção do vinho, que não deve ser muito aguardentado, augmentou-lhe um aroma e um sabor dignos das subtilzas culinarias de Vatel e Brillat Savarin.

Mozart e o chapéu de chuva

(DE HARVEY)

Quando o inspirado maestro contava apenas dezoito annos, foi passar uma tarde a uma quinta em Aigen, em companhia de uma irmã e uma amiga d'esta, chamada Theresa.

Em quanto as duas jovens se entretinham em compôr uns bouquets de florinhas colhidas na estrada, Mozart rabiscava uma aria n'uma folha da carteira.

N'essa tarde, Theresa, que até então só acolhera com discretos sorrisos os galanteios do futuro maestro, parecia corresponder com desusado affecto á sua dedicação, quem sabe se commovida pelas harmonias da nascente composição que o seu namorado cantarolava.

—Theresa! Nanettel veja quem ahí vem! exclamou o joven compositor. É o genuino Xéxé do carnaval.

O homem que se aproximava era Schikaneder, o empresario d'um theatrinho de Salzburg, homem bemquisto de todos e que se tinha tornado notavel pelo seu guarda-chuva, um chapellão colossal, um zimborio de panno, um verdadeiro monumento, em-

meio abrigados apenas, muito chegados um ao outro, distrahidos e importando-lhes pouco a chuva.

Chegados a Salzburg, Schikaneder começou a scismar em como era que tendo elle e a sua companheira de braço chegado completamente enxutos, Mozart e Theresa vinham uma sopal!

Não lhe dava menos que entender o motivo por que Mozart lhe rendia um agradecimento tão rasgado e lhe apertava tanto a mão, protestando-lhe: «que jamais se esqueceria do relevante obsequio que lhe havia prestado», não passando afinal d'um insignificante serviço.

«Nunca mais em minha vida deixará de lembrar-me a fortuna de que lhe sou devedor» exclamava o joven Mozart com o rosto radiante d'alegria, ao passo que Theresa fitava pudicamente os olhos no chão.

«Nunca mais me ha de esquecer este passeio. E considerarme-hei muito feliz se em qualquer occasião ou minha vida tiver ensejo de lhe testemunhar a minha gratidão.»

Schikaneder contemplava attonito o futuro maestro, mas sem tratar de devassar o mysterio, fez os seus cumprimentos e desapareceu com o seu inseparavel e ensopado amigo, o guarda chuva.

Passaram-se doze annos. O infeliz empresario, depois de haver soffrido mil revezes e esgotados os recursos, voltou a Vienna. A esse tempo attingia Mozart o apogeu da gloria: tinha então acabado de compôr—o *Casamento de Figaro*.

Schikaneder foi ter com Mozart, annunciando-se como o velho empresario do theatro de Salzburg.



COLLEGIO MILITAR, NA LUZ

fim, com seu cabo (de vogueira terminando por uma ponta de veado, varetas de barba de balça com uma esphera de metal reluzente na ponta, panno escarlata assanhado e ponteira de metal d'um decimetro de comprimento. Um perfeito obelisco. Todo aberto, era de ofuscar a vista mais robusta. O chapéu constituia uma parte integrante do dono, eram inseparaveis.

Escusado é dizer que as duas jovens, apenas encararam o honrado empresario acompanhado do formidando guarda-chuva, desataram ás gargalhadas, que Deus sabe quanto tempo durariam, se n'esse entanto não comessem a cair grossas pingas d'agua, que chamaram as duas alegres raparigas á realidade das miserias humanas.

Levantaram-se subitamente e desataram a correr para a cidade.

A batega d'agua era já violentissima, quando avistaram, a uns cem passos na sua frente, o enorme chapéu vermelho ovante, abrigando sob a vasta copa o empresario, triumphando magestosamente da tempestade.

Inspirados pela mesma idéa, precipitaram-se todos tres sobre o homem, para se abrigarem debaixo do guarda-chuva.

Indignado e assustado com o encontrão que soffrera, o pacifico director, equilibrando-se ainda, olha para traz e encara com Mozart e as duas jovens, muito vermelhas, offegantes e já com pouca vontade de rir.

Restabelecido do sobresalto Schikaneder offerece lhes com um amavel sorriso o guarda-chuva, dá o braço á irmã de Mozart, este offerece o seu a Theresa, e caminham atraz dos primeiros,

—Schikaneder?... não conheço, disse Mozart, mas emfim mande entrar.

Schikaneder entra, desfaz-se em venias e cumprimentos, e fazendo das fraquezas forças, saca do famoso baluarte vermelho, que conservara atraz das costas, e abre o amplamente, com solemne magestade.

—O inimitavel maestro, a semelhante apparição não pode suster uma estridente gargalhada.

Schikaneder começou por fazer o extenso relatorio das suas desgraças, desculpou se de tanto atrevimento e recordou-lhe o tal immenso serviço, que lhe prestara no dia do aguaceiro em Salzburg.

Mozart não lhe prestava grande attenção; tinha cahido n'uma meditação profunda: recordava-se d'aquelle dia feliz em que o guarda-chuva de Schikaneder tinha sido tambem... um guarda beijo. Parecia-lhe sentir ainda nos braços o corpo flexivel da joven Theresa, e nos labios o calor tépido do primeiro beijo d'amor.

Mozart, como grata recompensa, compôz para o arruinado empresario:—a *Flauta encantada*, em que inseriu a celebre aria composta debaixo das arvores, em Aigen.

A opera salvou da ruina o miserio empresario, que morreu pouco depois, legando ao insigne maestro o magico guarda-chuva.

Uma acção boa nunca se perde.

VIDIGAL SALGADO.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica